

## NÃO É BRINCADEIRA! O RISO COMO RESISTÊNCIA

Em 2018 a Revista *Ártemis* publicou o dossiê intitulado “O humor das mulheres e as mulheres no humor”. Um ano antes, foi publicado no Estado espanhol o livro *Las humoristas. Ensayo poco serio sobre mujeres y humor*, obra coletiva organizada por Isabel Franc (2017) com abordagens voltadas para a poesia, o cinema e as artes plásticas, entre outras disciplinas. Os textos publicados nestas duas coletâneas desenharam contornos do campo de estudos que, nesses últimos anos, se ampliou, tanto no que diz respeito às teorias feministas e decoloniais que se voltam para o humor, o riso, quanto em relação às práticas e ações de grupos e artistas, nos vários campos da arte, entre os quais destacamos as artes performativas.

Os artigos publicados neste dossiê refletem caminhos que se encontram, se cruzam, se complementam em, pelo menos, duas veredas: discussões sobre e a partir de estudos desenvolvidos em universidades e centros de pesquisa que pensam as relações entre humor e feminismos; reflexões que ampliam os estudos para as artes performáticas, as artes de rua, ações individuais e coletivas de gentes que trabalham, reescrevem e ampliam espaços do humor e do riso. Há também a possibilidade de pensar em intervenções que questionam a ordem normativa a partir do marco dos feminismos e do humor, em suas múltiplas camadas de significação, e que refletem sobre corpos dissidentes que se tornam sujeitos e agem para tensionar os limites entre campos artísticos e saberes institucionalizados.

Na tentativa de retomar essas discussões que envolvem humor e feminismos, e a partir da experiência de três pesquisadoras que vivem em espaços distintos, uma de cá, do Nordeste do Brasil, outras duas de lá, na Galiza, noroeste da Espanha, com línguas irmãs, ambas regiões vistas como à margem dos principais centros acadêmicos de pesquisa e divulgação científica, resolvemos voltar um pouco no tempo e apresentar algumas obras escritas e/ou traduzidas para o espanhol e que dialogam com as discussões aqui apresentadas. Uma tentativa breve de mostrar o caminho já feito por outras pesquisadoras e o interesse sobre o tema no campo dos estudos dos feminismos. Mas antes, indicamos alguns estudos realizados e publicados no Brasil que refletem as discussões aqui propostas, além dos artigos já publicados na Revista *Ártemis* no ano de 2018.

---

**Sabela Fraga Costa**

Historiadora da arte e doutoranda da Universidade de Vigo. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2029-2082>

**Ana Cristina Marinho**

Professora titular do DLCV/PPGL da Universidade Federal da Paraíba. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8137-6418>

**Chelo Matesanz**

Artista e professora da Faculdade de Belas Artes de Pontevedra.

Iniciamos este percurso a partir de um levantamento realizado durante os meses de maio e junho de 2023 no Banco de Dissertações e Teses da CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. O levantamento indica que ainda não conseguimos rir de tanta violência. Será mesmo? Identificamos apenas uma tese em Artes Visuais defendida na Universidade Federal de Minas Gerais, em 2017. Juliana Silveira Mafra em sua tese *O amargo humor da arte contemporânea* dedica-se ao estudo de obras de Judy Chicago, Melanie Bonajo e das ações do grupo *Guerrillas Girls*. Analisa ainda, no caso do Brasil, a experiência das/dos estudantes secundaristas que ocuparam escolas durante o governo de Michel Temer, em protesto contra o fechamento de instituições de ensino e o corte de verbas para a educação básica e que criaram situações a partir do humor usando a boneca de pano Elinor, criação da autora da tese. Mencionamos ainda dois artigos escritos na Revista de Estudos Feministas: “Comicidade crítica e riso autodepreciativo: um estudo com mulheres palhaças” (2020), de Ana Carolina Muller Fuchs e Gilberto Icle e a entrevista realizada por Cíntia Lima Crescêncio com Ciça, cartunista e criadora, de personagens como Bia Sabiá (“O humor mostra... como as coisas não devem ser”: uma entrevista com Ciça - 2019).

Se pensarmos nos escritos de Hilda Hilst, para citar apenas uma poeta brasileira, a capacidade de rir, de brincar, de zombar de si mesma e dos outros sempre esteve lá. Talvez a associação desse riso destronador às lutas feministas ainda seja recente, embora nas culturas orais e populares as mulheres sempre riram, sempre zombaram do poder, mas quando foram representadas nesse lugar de crítica, seus corpos eram substituídos por homens travestidos. A Barca, a Nau Catarineta, o Cavalo Marinho e os Bois, presentes em muitos momentos de festa nas regiões Norte e Nordeste do Brasil, em especial, são exemplos de danças dramáticas e brincadeira em que o riso e o humor são proporcionados por mulheres em corpos de homens. Rir da própria desgraça sempre foi e é revolucionário. Nas artes, esse lugar do riso causa incômodo, principalmente quando quem ri não é quem sofre; quem ri e faz rir é quem transforma essa experiência em espaço de resistência, de denúncia. Fazer piada sobre experiências traumáticas tem se revelado cada vez mais como um lugar de luta, como podemos perceber em alguns dos artigos aqui apresentados.

Cinquenta anos após a publicação de obras sobre o tema “humor e mulheres”, a exemplo de “O riso da Medusa”, de Hélène Cixous, e “Parole des femmes, de Annie Leclerc, a partir de uma perspectiva feminista, o que podemos dizer hoje? Em que situação estamos? Podemos afirmar que houve uma consolidação de outra forma de fazer humor que se contrapõe ao humor que oprime? Temos confiança e determinação para dizer “não!”, para não rir das “brincadeiras” do patriarcado? Podemos afirmar, sim, que há um caminho consolidado de transformação das mulheres que saem dos lugares de objetos do humor e tornam-se sujeitos, que subvertem a ideia da mulher calada, complacente e que são hoje criadoras, artistas, ativistas.

Sabemos que o humor é sempre contextual e referencial, que se fazem necessários códigos comuns, da mesma maneira que não há um feminismo universal também não existe um humor universal. O que nos aproxima é a forma que utilizamos o humor para romper com o machismo, com os estereótipos, com o que se consolidou

ao longo do tempo como algo normal, como apenas “uma brincadeira”. E achamos que o humor é uma das melhores ferramentas para desnaturalizar o que sempre se considerou “o normal”, com a sua capacidade de abrir fendas no entendimento e apresentar novas visões das coisas, por vezes estranhas ou absurdas. A sua vontade é crítica, de denúncia, mas também de festejo, uma política alegre que luta por afirmar outro tipo de existências. Como? Experimentando com as potencialidades políticas da ficção, das artes, para colocar o foco nos desejos, nos prazeres e no possível. Com a sua maneira de olhar o mundo a partir de outras coordenadas, o humor traz para o campo da enunciação o pequeno, aquilo que ficou sem valor, invisível aos olhos do poder, nesse trânsito do particular ao coletivo, do pessoal ao político.

A associação do humor dos homens como algo universal, como se fosse possível rir das mesmas coisas, como se pudéssemos viver e analisar a realidade da mesma maneira, também se soma à hostilidade que esse tipo de humor lançou sobre as mulheres, reforçando estereótipos que buscam normalizar a desigualdade. Somos acusadas, tradicionalmente, de não termos senso de humor. Os artigos deste dossiê e as outras obras que mencionamos nessa apresentação provam o contrário. Estamos criando mundos em que tudo tem mais de um significado e, ao mesmo tempo, subvertendo estes mundos. Parece um paradoxo que o humor, considerado um gênero menor e associado, muitas vezes, com a piada, a anedota, seja negado às mulheres, destinadas, desde sempre, aos lugares de inferioridade (Díaz Bild, 2000: 122). Por isso, silenciar e menosprezar o humor feito por mulheres é mais uma maneira de mantê-las submissas, de negar às mulheres mais um campo de criação e consolidação da nossa autonomia.

Neste sentido, as obras aqui analisadas, destroem as expectativas do que se espera da voz de mulheres no humor, são questionadas as convenções estabelecidas, as fronteiras entre o público e o privado, o masculino e o feminino e, sobretudo, o que é e o que não é humor, tanto na forma quanto no conteúdo. O humor feminista questiona os sistemas de opressão, a autoridade patriarcal, elimina os temores e vergonhas, principalmente quando busca afirmar as histórias das mulheres e contribuir para mudar suas vidas. Trabalhos como os de Álvarez Muguruza já apontaram a ligação entre humor feminista e conhecimentos situados, desmentindo a neutralidade e objetividade nos discursos (2018: 13). É importante saber quem fala e de que lugar para comprovar a direção do humor: se reafirma lugares de opressão ou se, num movimento subversivo, dispara contra os lugares de privilégio. Atance destaca na sua pesquisa o papel da autorrepresentação no humor feminista, aspecto fundamental para as artes visuais. Os sujeitos despojados da sua representação encontraram no espaço de visibilidade e enunciação do humor um lugar idôneo para experimentar com as suas próprias vidas, misturando-se com a ficção, a arte, o lúdico, e assim criando suas identidades com fins emancipatórios, fora da norma (2018:27).

Como explica Isabel Franc, o humor oferece uma visão da realidade mais ampla. Não se ajusta às categorias fixas, contempla a pluralidade e a mobilidade, por isso, se calhar, é considerado tão perturbador para o poder. Um ruído incompreensível. Muitas camadas da sociedade, da cultura, não toleram a ambiguidade, a diversidade, o que

não se encaixa é preciso ser normatizado ou destruído (2017: 26,32). Por este motivo, para muitos grupos dissidentes, o humor é um espaço amável e prazeroso, um lugar para se expressar livremente. Por outro lado, é curioso observar como muitas das publicações precedentes a este dossiê, no campo dos estudos feministas, são coletivas (*El humor y la risa* (2001), *Mujeres y humor: ¿lo pillas?* (2005), *Las humoristas* (2017) demonstrando uma olhada polifônica. Comprovamos, desta forma, a complexidade em oferecer um marco ou definições fechadas para uma ferramenta que parece não ter limites, que destrói fronteiras dos campos de conhecimento ou disciplinas artísticas.

Além da separação clássica entre corpo e mente, Asunción Bernárdez Rodal nos lembra que o humor e o riso se refletem no corpo, são a materialização de uma interioridade que se faz carne. Há inúmeras formas e variedades para a materialização do riso: o riso de cumplicidade, de desprezo, o riso irônico que demonstra não estar de acordo, entre tantos outros que nos tocam a alma, mas, sobretudo, o corpo (2001: 7). A ideia de que o humor se encarna no corpo, nos leva a tomar uma posição, a ocupar um espaço de enunciação, de visibilidade, espaço este que sempre é político. Por isso, o riso para as mulheres implica também o abandono duma feminilidade abafante e violenta (Melchior Bonnet, 2023: 15). O decoro imposto pelos valores tradicionais impunha uma regra do silêncio, de não chamar a atenção e de aguentar piadas. Assim, a subversão que se sente no corpo pela consciência humorística é como que uma sacudida: o feito de rir livremente rompe o corpete que nos oprime e assim podemos respirar livremente.

Outro aspecto a ser mencionado é a mudança operada nos estudos a partir da ideia que separa o humor da seriedade, com o objetivo de questionar sua legitimidade. Presenciamos uma quebra nessa ideia que, historicamente, desassocia o humor da seriedade, por um lado para tentar imprimir agência ao humor e, por outro, com o um intento de questionar a associação do sério à rigidez. Acreditamos que humor e seriedade podem andar juntos, fato que pode ser verificado tanto nos estudos aqui mencionados quanto nos artigos do dossiê que mostram como o humor feminista é assunto sério. Muitas vezes as humoristas enfrentam a dor e o sofrimento em seus processos criativos. Longe da banalização, o humor ajuda a tomar consciência de novas representações alicerçadas em responsabilidades tão caras a nós, mulheres, e no nosso compromisso com a realidade, com a justiça. A questão é como tratar esse mal-estar para se distanciar dele e procurar saídas mais confortáveis. Vemos assim que se trata de uma forma diferente de lutar e comunicar, porque como afirma Teresa Urroz no dossiê *Humor y Mujeres*, “a consciência não implica seriedade” (2005: 14). Há muitos outros caminhos. Neste sentido, o humor sempre esteve presente nas lutas feministas, nas ruas, principalmente, como uma estratégia política perturbadora, marca dos ativismos dissidentes, mas também nos estudos da Academia para assinalar a atenção e respeito que merece esta forma de conhecer e analisar a realidade.

## Algumas conexões entre os artigos do dossiê

No artigo “Mujer, era una broma’. Deshacer cosas con palabras”, Saleta de Salvador Agra explora aspectos da filosofia de John Langshaw Austin para mostrar como o humor funciona como respaldo ao machismo no controle do discurso. Quando não se assume a responsabilidade pelo que é dito reforçam-se autoridades constituídas e as receptoras deste humor são desacreditadas e desvalorizadas. Neste sentido, o artigo dialoga com o que foi proposto pelas autoras Luciéle Bernardi de Souza e Luciane Bernardi de Souza pois a poesia de Letrux e de Ledusha questiona o discurso, tem a capacidade de desfazer o que está estabelecido, estabilizado, provoca ruídos. Saleta também chama a atenção para o silêncio cúmplice de ouvintes/leitores/espectadores que termina por legitimar as situações de abuso. Por isso, torna-se cada vez mais importante a tomada de partido das mulheres: dizer não, romper o silêncio, a complacência, fazer humor.

No artigo “Humor e acontecimento: as confor-efetuações do personagem gay Gianluca na série “Tudo pede salvação””, de Weberson Ferreira Dias, Suely Henrique de Aquino Gomes e Deyvisson Pereira da Costa o diálogo se estabelece com a filosofia de Deleuze e Guattari, no sentido de que as formas têm sempre um caráter aberto e plural. Quando Saleta de Salvador Agra nos lembra da negativa em aturar o insuportável, há um diálogo com a leitura proposta pelos autores para as ações do personagem Gianluca. São estas ações que nos conduzem para a criação de rupturas, fendas, desterritorializações que questionam o que nos violenta. Esta linha de fuga, através do humor, possibilita configurar os mundos de outras maneiras e por outros caminhos. O humor, nesse caso, surge como potência e o riso como estratégia libertadora.

Gena Baamonde desenvolve em seu artigo a ideia de um humor situado a partir de um território periférico como a Galiza e dos corpos mais dissidentes para a dramaturgia. Analisa o processo cênico com foco nas dúvidas, nos erros, numa ação coletiva e questiona: já conhecemos o humor ruim, violento, machista, então que humor queremos e precisamos? O olhar a partir da margem, das periferias, de histórias coletivas, carregadas de memórias, feitas a partir e com humor, nos ajuda a fugir da miséria e da desolação. A autora nos apresenta corpos não normativos que festejam, riem e que, por isso mesmo, desestabilizam, ameaçam. Seu texto também contribui para que possamos pensar em formas mais amáveis, compreensíveis, de construir um conhecimento acadêmico através do humor e de metodologias mais abertas e flexíveis.

Os dois últimos artigos do dossiê trazem exemplos de obras literárias que apostam no riso contra o medo. Em “Leves risos, fortes ruídos: uma festa com Ledusha e Letrux”, Luciéle Bernardi de Souza e Luciane Bernardi de Souza desenvolvem a ideia da festa como ruptura na ordem, na rotina estabelecida, a festa como um rasgo, contra o silêncio e a seriedade. As duas poetisas refratam em suas obras formas coletivas de escrita, por isso a opção pela festa, pelo escrever como processo de, também, festejar junto com as outras. O humor feminista dessacraliza referências, principalmente sobre o amor, sobre o querer e o gostar, mais próximos ao cotidiano, ao corriqueiro,

numa voz ligada aos corpos, presenças dissidentes que se fazem ouvir. A poesia surge como uma forma de construir novos mundo e significados e, também, como roubo, apropriação, leituras que também se aproximam das propostas de Gena Baamonde. São propostas artísticas construídas na chave do humor que se afastam também da figura prestigiosa e individualista do autor para apostar nas vozes coletivas, afirmando-se e festejando umas com as outras.

Em “Riso, Ironia, Sarcasmo, Melodrama y Exagero, Mi reina!, em Febre Tropical, de Julián Delgado Lopera”, Moema Vilela e Natalia Borges Polesso analisam o romance tomando o humor como mais uma forma de dar conta da “tragédia” do viver. A narradora de Febre Tropical passa a se ver a partir da distância conseguida com o riso. Essa distância proporciona lugares de segurança, a impede de cair em fatalismos. Nesse caso observamos também como o uso da imaginação em combinação com o humor serve para oferecer um contraste de perspectivas da realidade delirante vivida pela protagonista. Talvez esta seja uma das obras analisadas em que o riso, o escracho, a destronação de si e dos outros, principalmente do outro masculino, hétero, dominante, do Norte, esteja mais presente. Um romance de formação com uma personagem que ri de si mesma e do processo de constituição de identidades a partir de várias experiências de desterramento.

Por fim, convidamos vocês para que caminhem conosco nessas estradas do humor e do feminismo, numa perspectiva decolonial, subversiva. Também é um convite para que possamos seguir nesse diálogo, nessa conversa, nesse lugar de potência, lugar de desvio, nessa brecha, nessas múltiplas janelas abertas e que evidenciam os lugares dos corpos em trânsito, corpos em desvio, corpos e territórios em processo e em expansão. Seguimos à sombra e ao sol do guarda-chuva do riso, do humor, do escracho, da subversão, da inversão, e, especialmente, da invenção.

## Referências

ÁLVAREZ MUGURUZA, Iraide. *Otras risas son posibles. El humor: una herramienta política de resistencia feminista*. Trabalho fim de Grau da Faculdade de Ciências Sociais e da Comunicação. Bilbao: Universidad del País Vasco, 2018.

ATANCE, Belo C. *Humor feminista y autorrepresentación*. Master de Producció i Recerca Artística. Barcelona: Universitat de Barcelona, 2018.

BERNÁRDEZ RODAL, Asunción. *El humor y la risa*, Madrid: Fundación Autor, 2001

CABALLERO JUNCAL; GARCÍA, Begoña; GIMÉNEZ, Ana. “Mujeres y humor: ¿lo pillas?”. *Dossiers feministes*, n. 8, 2005.

CIXOUS, Hélène. *O riso da Medusa*. Tradução de Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne. BRANDÃO, Izabel (org.) *Traduções da cultura: perspectivas críticas feministas (1970-2010)*. Florianópolis: EDUFAL; Editora da UFSC, 2017.

CRESCÊNCIO, Cíntia Lima. “O humor mostra... como as coisas não devem ser”: uma entrevista com Ciça. *Revista de Estudos Feministas*, V. 27, nº 3, 2019,

DÍAZ BILD, María Aída. *Humor y literatura: entre la liberación y la subversión*. La Laguna: Servicio de Publicaciones de la Universidad de la Laguna, 2000.

FRANC, Isabel (ed.). *Las humoristas: ensayo poco serio sobre mujeres y humor*. Barcelona: Icaria, 2017.

FUCHS, Ana Carolina Muller e ICLE, Gilberto. Comicidade crítica e riso autodepreciativo: um estudo com mulheres palhaças. *Revista de Estudos Feministas*, V. 28, nº 3, 2020

LECLERC, Annie. *Parole de femme*. Paris: Grasset, 1974.

MAFRA, Juliana Silveira Mafra. *O amargo humor da arte contemporânea*. Tese de Doutorado em Artes Plásticas. Belo Horizonte: Universidade de Minas Gerais, 2017.

MELCHIOR-BONNET, Sabine. *La risa de las mujeres: Una historia de poder*. Madrid: Alianza, 2023.